



**NOVE  
CHAMADAS  
PERDIDAS**



# ***Nove chamadas perdidas***

***Cláudia Pereira***





*“Não foi a ausência dela que me destruiu.  
Foi tudo o que ficou depois do silêncio.”*



## Prólogo

Primeiro, foi o silêncio.

Depois, o som da respiração.

E só então... o nome.

Quando atendi a primeira chamada, não reconheci a voz.

Mas o peso dela ficou preso nos meus ouvidos como se tivesse vindo de dentro.

Chamadas privadas.

Horários improváveis.

Sempre ímpares.

Na terceira, ouvi uma palavra.

Curta.

Afiada.

“Escolhe.”

Na quinta, uma gravação da minha própria voz, dita há anos, usada contra mim.

Na sétima... o nome que nunca mais pensei repetir.

E na nona...

Na nona, percebi que o telefone nunca foi o problema.

Foi o que ficou entre cada chamada: o medo de que alguém do outro lado me conhecesse melhor do que eu próprio.

Agora, tudo o que tenho são nove chamadas perdidas.

E a certeza de que, em alguma delas, eu devia ter deixado de fugir.



## PARTE I — O QUE FICA DEPOIS

*“Fugimos das pessoas. Mas nunca do que elas deixaram em nós.”*



## Capítulo 1 — Antes da última noite

O barulho da chuva contra as janelas era o único som constante naquela noite. David estava sentado na cama, ainda vestido, com os cotovelos nos joelhos e os olhos fixos num ponto invisível da parede. Ao lado, Eva dormia. Ou fingia.

O quarto era pequeno demais para o silêncio entre eles. O tipo de silêncio que vem depois de palavras que não deviam ter sido ditas.

— Por que voltaste? — perguntou ela, com a voz arrastada pelo sono ou pela mágoa.

David não respondeu de imediato. O coração parecia ter parado num intervalo entre batimentos.

— Porque achei que ainda dava para salvar.

Eva virou-se na cama. O lençol escorregou um pouco, revelando o ombro nu, marcado por pequenas cicatrizes que ele conhecia bem.

— Salvar o quê, David? Nós?

Ele passou a mão pelos cabelos. Suspirou fundo.

— Não sei.

— Então por que estás aqui?

Levantou-se. Foi até à janela. O vidro estava embaciado. Escreveu com o dedo uma palavra curta: “*Desculpa*”. Mas apagou logo de seguida.

— Porque ainda gosto de ti — disse por fim, sem se virar.

Eva sentou-se na cama. Puxou o lençol até ao peito. Os olhos verdes cravados nas costas dele.

— Não é suficiente. Nunca foi.

David virou-se. Aproximou-se devagar. Sentou-se ao lado dela.

— E o que é suficiente para ti, Eva?

Ela riu. Um som seco, sem rastro de humor.

— Que escolhas. Que pares de fugir. Que deixes de amar só com metade.

Ele encarou-a. O rosto dela estava cansado. Belo de um jeito cruel.

— Eu não te traí, Eva.

— Não fisicamente — disse ela. — Mas já não estás aqui. Dormes comigo, mas sonhas com outra.

David queria negar. Queria jurar por tudo. Mas não havia nada para jurar. Lia ainda não tinha nome, mas já era presença. Uma presença que o corpo sentia antes de a mente reconhecer.

Eva tocou-lhe o rosto. Os dedos quentes, mas hesitantes.

— Promete-me uma coisa, David.

— Diz.

— Se fores embora outra vez... não voltes. Nem com flores. Nem com desculpas. Nem com metade de ti.

Ele assentiu. E naquele gesto silencioso, Eva soube. Era a última noite.

Ela deitou-se de novo. Virou-se para a parede. O cabelo espalhado sobre a almofada. E antes de fechar os olhos, murmurou:

— Tu vais voltar... mas já não vais ser meu.

David não respondeu. Deitou-se ao lado dela. Não a tocou.

E enquanto o sono o arrastava devagar, uma imagem desconhecida invadia-lhe a mente: olhos escuros, um vestido preto, e um sino a tilintar no escuro.

## Capítulo 2 — Quarto 615

O cheiro da lixívia. Ou talvez do sangue.

David abriu os olhos como quem acorda debaixo d'água — ofegante, com os pulmões ardendo e o coração a martelar com uma urgência que ainda não compreendia.

O teto branco piscava. Uma lâmpada oscilava com um zumbido incómodo. Ele estava deitado num colchão estranho, com os lençóis colados à pele por algo que já não era suor. A camisa aberta, os dedos rígidos e vermelhos. Sangue seco entre as unhas.

Havia um telefone ao lado, sobre o tapete imundo. Não um fixo — o dele. Ecrã rachado. Uma gota escura escorrendo pela lateral. Nove chamadas perdidas. Todas do mesmo número. Sem nome atribuído. Só a letra: **L**.

Ele tentou engolir, mas a garganta estava seca. Pressionou o botão para ouvir a primeira mensagem. Respiração. Silêncio. E depois, uma voz feminina, baixa, trémula, como se falasse de um lugar longe demais.

*— David... Se acordaste... não debes ligar para ninguém. Ouviste? Não faças isso de novo. Espera por mim. Vou aí. Promete-me que vais esperar... Desta vez, por favor.*

Ela desligou antes que o tempo da gravação acabasse.

Ele engoliu em seco, olhou à volta. O quarto era o 615 — reconhecia o padrão bege na parede: um motel barato da zona industrial. Uma cadeira caída, uma garrafa partida. As suas botas estavam ali, no canto, como cadáveres, imóveis.

Voltou a olhar para o telemóvel. O dedo tremia sobre a segunda mensagem. Mas hesitou. Algo dentro dele gritava para não ouvir.

Na porta, um arranhão. Como se alguém tivesse tentado entrar à força. Ou sair. David aproximou-se devagar. A mão pousou na maçaneta com a delicadeza de quem manuseia uma granada. Rodou.

Trancada. Por dentro.

Virou-se para o espelho da casa de banho. A imagem devolvida era um estranho de olhos fundos, barba por fazer, e um

corte fundo no pescoço, já estancado, mas feio.  
 Aquilo não era um pesadelo. Ou era?

O telemóvel vibrou.  
 Uma nova mensagem de voz. Do mesmo número.  
 "L tentou ligar."

Ligou para o número que dizia na mensagem e ouviu...

— *David, se me esqueceste... eu entendo. Mas o teu corpo não me esquece. Tu prometeste. Esta noite. Tu disseste que íamos fugir... antes que fosse tarde demais.*

Fugir de quê?

Do quarto?  
 Dela?  
 Ou dele mesmo?

Ele deixou cair o telemóvel na cama, como se o aparelho estivesse quente demais para o segurar. O eco da última mensagem ainda pairava no ar, mais forte que o zumbido da lâmpada ou o latejar da sua cabeça.

David passou a mão pelo corte no pescoço. Doía. Mas o que doía mais era a ausência, não da dor, mas da explicação.

No canto do quarto, uma bolsa preta. Parecia familiar. Ele ajoelhou-se para abri-la.

No interior:

- um frasco de comprimidos sem rótulo,
- um bilhete de identidade com a sua foto, mas com nome diferente: Daniel Moura,
- uma caneta com sangue seco na tampa,
- e uma carta... escrita à mão.

"Se estiveres a ler isto, significa que sobreviveste. Agora faz o que prometeste. Não voltes atrás. Nunca mais."

A caligrafia era feminina. Certa. Quase carinhosa. Mas não assinada.

David recuou até à parede e escorregou até se sentar no chão.  
 O quarto parecia ter encolhido. As paredes empurravam-o para dentro da própria mente.

Do nada, uma batida.  
 Não à porta.  
 Na janela.

Ele virou-se com o coração na garganta.

Nada.

Só uma sombra que se afastava rapidamente, talvez um pássaro, talvez imaginação. Voltou ao telemóvel. Algo o puxava para a próxima mensagem. A quarta.

As mãos tremiam, mas o polegar agiu sozinho.

— Eles vão dizer que tu fizeste aquilo, mas não sabem da parte mais importante. Tu só fizeste... porque me amavas. E eu também. Ainda amo. Se confiares em mim, vais-te lembrar. O teu corpo lembra-se, David. Toca em mim... e vais ver.

Ele respirou fundo. Fechou os olhos. E, por um segundo, quis acreditar.

Quis tocar nela.

Mesmo sem saber quem ela era.

Mas então... o toque não veio.

Nem o perfume.

Nem a pele.

Veio um lapso de memória. Rápido. Cru. Doloroso.

Um grito.

Vidro a partir.

E o som de um corpo a cair.

Ele abriu os olhos. E soube, sem saber como, que aquilo aconteceu naquela mesma cama.

Ele levantou-se devagar, como se o chão pudesse ruir a qualquer passo.

A porta da casa de banho estava entreaberta. Um vapor frio escapava pela fresta, embora o chuveiro não estivesse ligado.

David empurrou a porta com a ponta dos dedos.

O espelho estava coberto como uma neblina.

E ali, sobre o chão da casa de banho, estendido como um corpo vencido pela noite: um vestido preto, justo e encharcado.

Ele reconheceu o tecido mesmo sem saber de onde. Seda colada ao azulejo.

O tipo de peça que se cola à pele com intenção.

Ajoelhou-se. O toque era gelado.

No bolso lateral, um objeto pequeno e metálico.

Um isqueiro prateado, gasto nas bordas. Gravado com uma única letra: L.

As mãos de David tremeram. O isqueiro caiu no chão e rodopiou como uma moeda.

Ele fechou os olhos. E então, como um filme, veio a visão: ...dedos femininos

acendendo este isqueiro com um estalar sensual.

Uma risada abafada. O brilho da chama refletido em olhos que diziam “não contes a ninguém”.

Depois, o vestido no chão.

Depois, ela sobre ele.

Depois... o silêncio.

Como se o mundo tivesse parado num beijo com gosto de destruição.

Abriu os olhos de novo, ofegante.

A pele arrepiada. Mas não pelo frio.

Estava sozinho, mas não sentia solidão. Sentia a presença. Como se ela ainda estivesse ali, entre o vapor e o perfume quase evaporado.

O telemóvel vibrou. Mais uma mensagem.

Quinta.

Ele não ouviu. Ainda não.

Estava a olhar para o espelho, agora limpo num risco estreito no meio, como se alguém tivesse passado os dedos há pouco. Dois dedos. Como quem escreve uma palavra. Como quem se despede.

David aproximou-se.

Ali, no risco do espelho, uma impressão borrada de batom.

Um beijo deixado como assinatura.

O espelho ainda parecia respirar.

David afastou-se dele como quem recua de um corpo quente demais. O beijo de batom desaparecia aos poucos, engolido pela humidade.

Ele voltou para o quarto.

Mas algo mudou.

O ar estava mais denso. Quente.

A luz já não oscilava. Estava apagada.

E sobre a cama... alguém tinha estado ali.

As marcas eram claras: “buracos” no colchão, como se joelhos pressionassem os lençóis.

A almofada deslocada. Um perfume no ar, o mesmo que ele não conseguia nomear, mas que fazia o corpo estremecer. Notas doces com fundo metálico.

Sobre o travesseiro, uma pulseira de tecido encarnado, com um pequeno sino dourado preso no fecho.

Ao tocá-la, o sino tilintou com suavidade.

David cambaleou para trás.

Aquela pulseira... Ele já a tinha visto antes. Em sonho.

Ou seria uma lembrança?

A imagem veio como um trovão: uma mulher nua, deitada sobre ele, o sino tremendo contra o seu peito a cada movimento.

A respiração dela no ouvido:

— "Prometes? Mesmo se tudo for mentira?"

Ele tinha dito que sim.

E depois... uma escuridão.

David deixou-se cair na beira da cama, com os cotovelos nos joelhos e as mãos no rosto.

Queria chorar, mas não sabia se por medo, vergonha ou saudade de algo que nem se lembrava de ter vivido.

O telefone vibrou mais uma vez.

Sexta mensagem.

Ele finalmente cedeu. Ouviu-a de imediato.

— Lembraste? Só um pouco? Eu estive ainda agora aí. Tão perto de ti... Tu dormias como um anjo destruído. Se soubesses o que fiz para chegar até aqui... Mas ainda temos tempo. Se quiseres fugir comigo... há um lugar onde ninguém nos encontra. Só precisas de confiar em mim. Mais uma vez. Mesmo que doa.

O silêncio depois da mensagem era o mais pesado de todos.

David ergueu o rosto.

Na parede oposta, acima da cabeceira da cama... uma câmara. Minúscula. Pisca uma luz vermelha.

Alguém estava a vê-lo.

Talvez ela. Talvez outro.

E a noite... ainda nem começara.

Ele levantou-se devagar.

A câmara ainda piscava, mas agora parecia mais lenta... como se soubesse que tinha sido descoberta.

Davi pegou no travesseiro e lançou-o contra ela. Impacto seco. A luz vermelha apagou-se.

Mas a sensação de estar a ser observado continuava, não no teto, mas dentro do próprio corpo.

Voltou-se para o espelho na parede oposta. Não o da casa de banho, um novo, quase imperceptível entre a mobília.

A imagem refletida não o tranquilizou.

Ele estava pálido demais. Pupilas dilatadas. A ferida no pescoço parecia maior. E, por um segundo... havia alguém atrás dele.

Virou-se num impulso.

Nada.

Respirou fundo, tentando não entrar em pânico.

Mas o ar não entrava como devia. Os pulmões doíam. A cabeça latejava.

E então... uma última lembrança veio, rápida como um flash: Uma mão feminina a fechar-lhe o nariz. Uma outra a tapar-lhe a boca.

Um sussurro em tom de carícia:

— "Confia em mim. Vais dormir só por um bocadinho. Quando acordares... tudo vai ser nosso outra vez."

Ele cambaleou. Agarrou-se à moldura da porta.

Queria gritar. Mas o som ficava preso na garganta.

O telemóvel vibrou de novo.

Sétima chamada perdida.

Depois a oitava.

E a nona.

Todas em sequência.

Como um pulso, como um batimento cardíaco.

O ecrã do telemóvel piscou:

CHAMADA RECEBIDA — "L"

David não colocou para ouvir.

Mas a voz dela ecoou mesmo assim, pelo sistema de som do quarto.

— Amor... finalmente acordaste. Agora sim, podemos começar outra vez.

A luz voltou.

O telemóvel calou-se.

E o som metálico do sino da pulseira tocou sozinho, como se alguém a tivesse acabado de colocar no pulso dele.

O sino continuava a tilintar, mesmo sem vento, mesmo sem movimento.

David olhou para o próprio pulso, e lá estava ela.

A pulseira.

Preso nele, o tecido vermelho entrelaçado, justo demais, como se tivesse sido colocado com cuidado.

Ele não se lembrava de ter feito isso. Mas ali estava.

Tentou tirá-la. Os dedos hesitavam.

O fecho parecia... diferente. Como se não quisesse ser aberto.

Como se a pele se tivesse acostumado àquilo, como uma marca antiga voltando ao lugar.

Na mesinha de cabeceira, havia um cartão branco. Simples. Sem nome. Sem logótipo.

Apenas uma frase escrita em tinta preta:

"Se tiveres de fugir, leva só o que amares."

Atrás do cartão, um número de quarto: 201.

David pegou na chave eletrónica que estava embaixo do telefone do motel.

Sim, "201" estava escrito ali.

Mas ele estava no 615.

Olhou para a porta.

Depois para o espelho.

Depois para o isqueiro com o L.

O coração batia noutra ritmo, como se fosse o de alguém o observando de fora.

As luzes voltaram a piscar. Duas vezes. Depois apagaram.

Ele ficou imóvel, esperando que os olhos se ajustassem.

No escuro, ouviu algo. Não no corredor. Não no teto.

Dentro do quarto. Um som suave. Como se alguém estivesse a escrever com os dedos num lençol.

E então... a voz dela. Muito perto. Como se estivesse deitada ao seu lado, mesmo que ele soubesse que estava sozinho.

— "O amor é a memória que o corpo nunca apaga."

Ele fechou os olhos.

Mas não foi por medo.

Foi porque, por um segundo, quis acreditar.

David passou os dedos pelos lábios. Estavam secos. Mas a pele dele guardava um gosto que não era só dele. Um travo adocicado. Perfume velho. Saliva esquecida.

Ele ficou ali, de pé, a olhar para o vazio do quarto como se esperasse que as paredes lhe falassem.

Mas as únicas que falavam.... Eram as paredes dentro da cabeça dele.

Sentou-se à beira da cama. A almofada ainda quente. O lençol marcado por duas silhuetas.

A dele.

E uma outra.

O silêncio parecia vivo. Respirava.  
Como se o quarto todo fosse um pulmão, e ele estivesse preso dentro dele.  
Então, no canto inferior do espelho, algo novo apareceu. David levantou-se.  
Aproximou-se devagar.

Com a condensação do vapor, alguém tinha escrito uma frase curta com o dedo.

"Voltei por ti."

As letras escorriam lentamente. Encostou os nós dos dedos ao espelho. A temperatura do vidro estava morna.

Do outro lado da porta do quarto, um som surdo. Três toques. Rápidos.

Não batidas comuns.  
Mais... um código.  
Como uma criança pedindo segredo.

Ele ficou parado. Ouvindo. Não se mexeu.

Mas o telemóvel ... acendeu sozinho.  
E sem ele tocar em nada, a última mensagem começou a tocar.

— Tu és meu. Sempre foste. E se te esqueceste... eu vou lembrar-te. Com o corpo. Com a dor. Com tudo o que fomos. Queres sair? Então abre a porta. Mas lembra-te: fora daqui ninguém te quer.  
Só eu.

A mensagem parou. O ecrã desligou. As luzes voltaram. O espelho limpou-se.

Só restava David. E o som repetido na porta: três toques.

Ele caminhou até à porta. Encostou o ouvido contra a madeira. Nada.  
O som dos três toques tinha desaparecido tão rápido quanto veio, como se nunca tivesse existido.

Mas o silêncio agora pesava diferente.

David passou a mão pelo bolso.  
E encontrou algo que não se lembrava de ter guardado.

Um pedaço de papel dobrado. Pequeno.  
Abriu com cuidado.

"Se me deres a mão, não vais sair inteiro. Mas vais sair meu." — L.

Ele leu uma vez. Depois outra. E então sorriu.  
Não porque achava graça. Mas porque finalmente entendia o que mais o assustava. Parte dele não queria fugir. Parte dele queria voltar

## Capítulo 3 — O quarto ao lado

Jonas já trabalhava naquele motel há tempo suficiente para saber que o silêncio nem sempre era um bom sinal. Era o tipo de silêncio pesado, que carregava nas costas o que ninguém queria dizer em voz alta.

Na recepção, o relógio marcava 03h17. Chuva miúda. Uma daquelas madrugadas em que o ar parecia parado. Ele folheava um jornal velho, mais por hábito do que por interesse.

O monitor das câmaras tremeluzia. Os corredores estavam vazios. Quase todos os quartos apagados. Quase todos.

Exceto o 615.

A luz do quarto piscava, intermitente. O corredor ao redor estava escuro. Jonas franziu o sobrolho.

— Outra vez esse quarto... — murmurou, para ninguém.

Já era a terceira noite seguida em que havia algo estranho com o 615. Primeiro, o hóspede que entrou sem nome. Depois, as chamadas constantes, sempre do mesmo número, sempre sem voz. Agora, a luz a piscar como um aviso.

Pegou nas chaves mestras, saiu da recepção e seguiu pelo corredor. Os passos dele soavam abafados no tapete gasto. Ao passar pelo 613, ouviu um ruído. Fraco. Como se alguém chorasse do outro lado da parede.

Parou. Encostou o ouvido. Silêncio.

Quando chegou à porta do 615, hesitou.

Luz fraca por baixo da porta. Nenhum som. Nem televisão, nem conversa. Nem mesmo respiração.

— Senhor? Está tudo bem aí? — chamou, batendo levemente.

Nada.

Tentou o intercomunicador interno. Sem resposta.

la usar a chave quando o ouviu. Um som baixo, metálico. Como um sino. Um tilintar solitário que ecoava da porta, depois cessava.

O cabelo na nuca dele arrepiou-se. Voltou para a recepção. Ao olhar o monitor novamente, notou algo novo.

A porta do 615... agora estava entreaberta. Não tinha ouvido o trinco. Nem passos.

Mas ali estava ela. Um pequeno vão negro entre a madeira e a parede. E algo, ou alguém, movia-se lá dentro. Uma sombra que atravessava o quarto de um lado ao outro.

Jonas aproximou o rosto do ecrã. Tentou ajustar o contraste. A imagem continuava distorcida, como se o quarto rejeitasse ser visto.

Fechou o monitor.

Desligou as luzes da recepção. Guardou as chaves.

— O que eu não vejo... não me vê — disse a si mesmo, em voz baixa.

Mas enquanto fechava a porta da pequena saleta onde passava as noites, não pôde evitar notar num som vindo do outro lado do corredor.

Três batidas. Na porta ao lado do 615.

Não eram batidas comuns. Eram compassadas. Rítmicas. Como um código. Ele não foi ver.

Mas naquela noite, Jonas sonhou com olhos que o observavam de dentro de uma parede. E com um telefone que tocava sem nunca ser atendido.